



**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITARIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ENFERMAGEM**

CUIDADOS PALIATIVOS: a música como recurso terapêutico

SYLVIA CHRISTIANE GALVÃO DA SILVA

**NATAL/RN
2013**

SYLVIA CHRISTIANE GALVÃO DA SILVA

CUIDADOS PALIATIVOS: a música como recurso terapêutico

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, como requisito total para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – II.

Orientadora: Prof^a **Dr^a Rejane Millions Viana Meneses**

NATAL/RN
2013

CUIDADOS PALIATIVOS: a música como recurso terapêutico¹

SYLVIA CHRISTIANE GALVÃO DA SILVA²
REJANE MILLIONS VIANA MENESES³

RESUMO

Adentrar o cenário diversificado em que os profissionais de enfermagem se inserem em seu cotidiano, no confronto incessante com as questões multifacetadas da morte bem como as implicações subsequentes quanto ao cuidado humanizado com o ser humano e seus familiares, conduz ao questionamento sobre a intervenção através de cuidados paliativos, dentre eles, a música como recurso terapêutico. Trata-se de revisão da literatura sobre a temática, realizada através da busca de livros, artigos publicados em periódicos e dissertações, localizados nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), MEDLINE de literatura internacional da área médica e biomédica, produzida pela *National Library of Medicine* e a base de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando como descritores: cuidados paliativos, enfermagem, musicoterapia. Objetiva-se levantar dados na literatura sobre o efeito ocasionado pela música nos pacientes submetidos aos cuidados paliativos e identificar a participação do enfermeiro nestes achados. À relevância deste estudo, acresce-se a reflexão analítico-crítica dos profissionais da saúde, notadamente o enfermeiro, ao demonstrar o mérito de alternativas no cenário dos cuidados paliativos e apresentar a música como recurso terapêutico na prática da assistência em saúde.

Palavras-Chave: Musicoterapia. Cuidados Paliativos. Enfermagem.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, como requisito total para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – II

² Enfermeiranda do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - e-mail: sylvinha73@hotmail.com

³ Orientadora. Professora Dr^a Rejane Millions Viana Meneses email:rejmillions@hotmail.com

ABSTRACT

Entering the diversified scenario in which nursing professionals fall into their routine, in constant confrontation with the multifaceted issues of death and the subsequent implications for the humanized care of the individual and his Family, leads to questions about the intervention through palliative care, among them music – as a therapeutic resource.

This is a literature review on the subject, held through the research of books, journal articles and dissertations, located in the databases of the *Biblioteca Virtual de Saúde* (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), MEDLINE of international literature of medical and biomedical field, produced by the National Library of Medicine and the

Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)'s base, using as descriptors: palliative care, nursing, music therapy.

It aims to collect data in the literature on the effect caused by music in patients undergoing palliative care and to identify the participation of nurses in these findings. To the relevance of this study, we add the analytic review reflection of healthcare professionals, especially nurses, when demonstrating the merits of the alternative scenario of palliative care and presenting the music as a therapeutic resource in the practice of health care.

Key words: Music Therapy. Palliative Care. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

Ao abordar o cenário de diversidade em que os profissionais de enfermagem se inserem em seu cotidiano, atenta-se para o confronto incessante com as questões multifacetadas da morte.

Vocábulo inerente à própria formação e até mesmo definição da Enfermagem, cuidar é uma palavra oriunda do latim *cogitatus* (reflexão, pensamento, interesse reflexivo que alguém coloca em algo), bem como o particípio de *cogitare* (pensar, reflexionar).⁴

Do verbo latino *agere* procedem inúmeros termos tais como ação, auto, ativo, agitar, ambages, ambíguo, castigar, coação, coágulo, coagular, congelar, exato, exame, exigir, exíguo, transação, embaixador, enxame, etc.⁵

Vincula-se, ainda, à raiz indo-europeia *ag* (conduzir), que originou em grego o verbo *ágein* (conduzir, guiar), presente em certas palavras como, por exemplo, agonia, antagonista, protagonista, demagogia, etc.⁶

Em relação aos cuidados paliativos, cuidar significa estar ao lado de pessoas com perda de vitalidade, com dor, depressão, perda de autonomia, entre outros sintomas e sinais, tentando conhecer e respeitar seus valores espirituais e culturais, criando oportunidades para que resolvam assuntos pendentes – principalmente com a família, e sendo “ponte” na relação com os médicos e outros profissionais da saúde, pela presença mais constante junto ao paciente.

Assim, torna-se possível afirmar que os cuidados paliativos são inerentes à prática cotidiana do enfermeiro. Aliar ciência e arte para prestar um cuidado que ampare, suporte e conforte desde o auxílio no nascimento ao diagnóstico de uma doença avançada, fortalecendo-se, tornando-se ainda mais presente na terminalidade e continuando durante o período de luto são tarefas precípuas da Enfermagem.

Afiançando tais palavras, Seki e Galheigo (2010, p.2) declaram que o ato de cuidar de alguém “com uma doença fora de possibilidade terapêutica é um entorno de delicadezas, atravessado pela cultura, espiritualidade, costumes, valores e credos sobre a morte”.

^{4 5 6} Tradução livre da língua espanhola, informações disponíveis em: <<http://etimologias.dechile.net/>>

Segundo a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP, 2009), as atividades pautadas em cuidados paliativos no Brasil necessitam ser legitimadas e tal fato se impõe devido à observação de renitente convencionalismo entre os profissionais de saúde, o poder judiciário e os gestores hospitalares, confundindo cuidado paliativo com eutanásia.⁷

Assim, a morte, apesar de inevitável em algum momento da vida do ser humano, não é uma questão simples de ser discutida, uma vez que, em nossa cultura, muitas vezes é representada pelo pavor e pela não aceitação (SOUSA et al, 2009).

Para Silva, Amaral e Malagutti (2013, p.294) “A morte sempre foi considerada pela religião, filosofia, ciência e crença popular como algo inerente à condição humana”

Durante a história da humanidade, o conceito da morte vem se transformando e adquirindo novos conceitos para a sociedade. Vista anteriormente como fato natural pelos antepassados, a presença dos familiares no leito de morte era comum quando chegava-se a “hora”.

Com o decorrer dos anos, este desenlace junto aos familiares perde espaço gradativamente para os hospitais, transferindo assim os cuidados ao profissional de saúde (SANTANA et al, 2009).

A morte ainda é um assunto polêmico, pois o medo, a dor e a incerteza, afligem a todos pelo simples fato de desconhecer o momento que sucederá, a forma que acontecerá e o que virá após a vida. Na realidade, poucas são as pessoas que gostam de falar sobre a morte e, comumente, o comportamento frente a essa questão é, na maioria das vezes, encoberto e disfarçado.

Diante disso, sabe-se que a vivência no fim da vida suscita um conjunto de necessidades, tornando-se imprescindível que o enfermeiro as conheça, a fim de construir um processo de cuidados com a pessoa/família que possa ir ao encontro da satisfação dessas necessidades. Os cuidados no fim de vida visam, pois, ao bem estar da pessoa e família (SILVA; AMARAL; MALAGUTTI, 2013, p. 282)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) revisou em 2002 a definição de Cuidado Paliativo:

⁷ |Verbete eletrônico. **S.f.** Morte sem sofrimento; Morte bela, feliz. Disponível em: <<http://direitopenal.bem-vindo.net/>>

[...] É uma abordagem que promove a qualidade de vida de pacientes e seus familiares, que enfrentam doenças que ameacem a continuidade da vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Requer identificação precoce, avaliação e tratamento da dor e outros problemas de natureza física, psicossocial e espiritual. (ANCP, 2009, p.16)

Contemporaneamente, o aumento alentado das doenças crônicas não transmissíveis, em que a cura distancia-se das possibilidades de intervenções, ações e atitudes de cuidado oferecidas à família, os cuidados paliativos começaram a sobressair (SILVA; AMARAL; MALAGUTTI, 2013)

Sobre a definição do termo paliativo:

[...] O termo paliativo significa reduzir a violência de; diminuir, uma redução e/ou diminuição da dor, ajudando na melhora da qualidade de vida de portadores de doença terminal. [...] se dá quando o sujeito não possui mais chances de tratamento que possa curá-lo e restabelecê-lo a sua vida normal. A doença progressiva pode ser clinicamente assegurada, enquanto a doença em estágio avançado é mais difícil para definição, podendo ser exemplificada com o surgimento da metástase extensiva, problemas cardíacos e dependência total em condições neurodegenerativas ou AIDS. (MUNRO *apud* GONÇALVES, 2006, p.5)

Evidenciam-se inúmeros recursos que podem ser aplicados como cuidados paliativos, segundo Seki e Galheigo (2010) e, aos profissionais de saúde recomenda-se que ampliem seus repertórios, contribuindo para a prevenção e o alívio do sofrimento, além de cuidado mais humanizado.

A partir destas premissas, é crível apontar a música, elemento interligado à história humana e das sociedades de forma quase inseparável e, por conseguinte, ao cuidado que caracteriza a Enfermagem como profissão.

Apartada de conceitos como a etnia, o emprego da música sempre esteve presente na terapêutica das doenças, distinguindo-se apenas pelos dados que a compõem (ritmo, melodia e harmonia) (SILVA; AMARAL; MALAGUTTI, 2013).

Segundo Gonçalves (2001), a música é um recurso comum e comprovadamente profícuo em cuidados paliativos para o controle da dor e sua utilização por enfermeiros, psicólogos e a família dos pacientes, fora de possibilidades de tratamento, cresce paulatinamente a medida que se reconhece a importância deste cuidado.

Porém, ainda são insuficientes os serviços de cuidados paliativos no Brasil e se forem elencados aqueles que são pautados em critérios científicos, o número decresce ainda mais. Em sua maioria, os modelos padronizados de acolhimento continuam sendo implantados para supostamente garantir a eficácia e a qualidade (ANCP,2009).

De acordo com Santana (2009), um dos principais objetivos da abordagem paliativa é acrescentar qualidade de vida aos dias e não dias à vida, certamente considerável desafio para a equipe presente à situação em que o objetivo de curar cede lugar às habilidades do cuidar, relacionados ao sofrimento, a dignidade e o apoio.

Objetiva-se levantar dados na literatura sobre o efeito ocasionado pela música nos pacientes submetidos aos cuidados paliativos e identificar a participação do enfermeiro nestes achados.

Pretende-se instigar a reflexão analítico-crítica dos profissionais da saúde, notadamente o enfermeiro, ao demonstrar a relevância de alternativas no cenário dos cuidados paliativos e apresentar a música como recurso terapêutico na prática da assistência em saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de revisão da literatura sobre a temática, realizada através da busca de livros, artigos publicados em periódicos e dissertações, localizados nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), MEDLINE de literatura internacional da área médica e biomédica, produzida pela *National Library of Medicine* e a base de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando como palavras-chave: cuidados paliativos, música, enfermagem, musicoterapia em cuidados paliativos, morte e morrer.

Como critérios de inclusão, foram escolhidos artigos nacionais, publicados entre os anos de 2002 a 2013, e com texto completo disponível *on line*. Os textos foram classificados primeiramente através da indexação dos resumos, selecionando aqueles condizentes com o objeto em estudo.

Foram excluídos artigos internacionais, nacionais anteriores ao ano de 2002 e que não disponibilizassem o texto completo *on line*.

Após a coleta, os dados foram classificados e distribuídos em quatro categorias: música, cuidados paliativos, enfermagem e morte.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, será apresentado breve histórico dos Cuidados Paliativos, buscando elucidar a importância destes cuidados e a participação do enfermeiro nesta ação.

3.1 *HOSPICE* E A ENFERMAGEM

A questão filosófica do termo *Hospice*, utilizado para denominar os Cuidados Paliativos, surgiu na Antiguidade com as primeiras definições do cuidar. No Medievo era uma prática usual em monastérios abrigar peregrinos, mendicantes, leprosos e órfãos, intencionando acolher e aliviar o sofrimento independente da cura. (CREMESP, 2008)

Muitos doentes faleciam nestes *hospices*, localizados em trajetos conhecidos na Europa, como o caminho de Santiago de Compostela, recebendo cuidado leigo e caridoso.

[...] Outras instituições de caridade surgiram na Europa do século XVII e construíram abrigos para órfãos, pobres e doentes, uma prática que se propagou por organizações católicas e protestantes em vários pontos do continente, e que, no século XIX, começaram a ter características de hospitais, com alas destinadas aos cuidados de doentes com tuberculose e alguns com câncer. O cuidado a estes doentes era essencialmente leigo e voltado para o cuidado espiritual e tentativa de controle da dor. (CREMESP, 2008, p.18)

Dentro da história, cabe neste estudo enaltecer o papel humanitário e relevante de Dame Cicely Saunders (1918-2005), enfermeira, assistente social e médica britânica que dedicou sua vida ao alívio do sofrimento humano. Em meados do século XX, Saunders foi trabalhar em um local semelhante a estas instituições de caridade, o St. Lukes' Home, em Londres. (PESSINI, 2004).

Dedicou-se integralmente ao estudo do alívio da dor nos doentes terminais, e, em 1967, fundou o St Christofer's Hospice iniciando ao que atualmente é denominado de Movimento Hospice Moderno.

Pessini (2004) relata, ainda, que Dame Saunders publicou artigos fundamentais para a compreensão da finalidade dos Cuidados Paliativos, em que

descreve as necessidades dos pacientes, difundiu o conceito da dor total, visão multidimensional em que o componente físico da dor sofre a influência de fatores emocionais, sociais e também espirituais.

A estrutura do St. Christofer's permitiu não apenas a assistência aos doentes, o controle de sintomas, o alívio da dor e do sofrimento psicológico. Fomentou amplamente atividades de ensino e pesquisa, recebendo bolsistas de diversas áreas do conhecimento e provenientes de vários países.

Tais estudos de Saunders, grande defensora dos cuidados a serem dispensados ao final da vida, servem de inspiração e guias para paliativistas até os dias atuais.

Segundo ANCP (2009, não paginado), familiares e pacientes ainda ouvem de médicos e profissionais de saúde a frase “não há mais nada a fazer”. Porém, a enfermeira inglesa sempre refutava: “ainda há muito a fazer”.

Atualmente no Brasil existem poucos serviços hospitalares que oferecem Cuidados Paliativos, afirma a ANCP:

[...] Há uma lacuna na formação de médicos e profissionais de saúde em Cuidados Paliativos, essencial para o atendimento adequado, devido à ausência de residência médica e a pouca oferta de cursos de especialização e de pós-graduação de qualidade. A conscientização da população brasileira sobre os Cuidados Paliativos é essencial para que o Sistema de Saúde brasileiro mude sua abordagem aos pacientes portadores de doenças que ameaçam a continuidade de suas vidas. Cuidados Paliativos são uma necessidade de saúde pública. São uma necessidade humanitária.
[www.paliativo.org.br]

A busca da qualidade de vida do paciente tem sido reiterada como uma das pedras angulares dos cuidados paliativos, havendo um número significativo e crescente de pesquisas sobre o que seria qualidade de vida em cuidados no fim da vida, e sobre quais seriam seus possíveis indicadores, especialmente para o paciente e seu cuidador (FLORIANI; SCHRAMM, 2008)

Segundo Santana et al (2009), o profissional de saúde deve ter em mente que cuidar pressupõe preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro, ainda mais quando se torna perceptível que a vida do paciente, embora na fase terminal de sua experiência, tem importância para aquele que cuida.

Este cuidado, para Carvalho (2010) é o instrumento utilizado pelos enfermeiros, além das técnicas e administração de medicamentos.

Colocar-se no lugar do outro, compreender sua necessidade, seja ela emocional ou fisiológica para proporcionar segurança e conforto, amenizando sua dor, medo e desconforto, tranquilizando o paciente nos momentos difíceis que enfrentam.

Sabe-se que a ausência de diálogo neste ambiente reforça sentimentos de solidão e insegurança para quem se encontra, comumente, em uma relação de dependência e perda de autonomia. A fragmentação da relação profissional de saúde-paciente pode provocar a despersonalização do indivíduo que passa de sujeito a objeto dos cuidados. (BERGOLD; ALVIM, 2005).

Procurando evitar esta situação limite, torna-se necessário uma condição ideal para o desenvolvimento de um atendimento satisfatório, compreendendo uma rede de ações composta por consultas ambulatoriais, assistência domiciliar e internação em unidade de média complexidade, destinada ao controle de ocorrências clínicas e aos cuidados da terminalidade da vida. (ANCP,2009)

3.2 A MÚSICA COMO RECURSO TERAPÊUTICO



Figura 1 – Rei Saul e Davi.⁸

⁸ Imagem de domínio público. Disponível em:
<http://lh5.ggpht.com/_o9BLyKHDLD8/TPi3OSw3Ypl/AAAAAAAAAEq0/ibe4yOqUVg/SuperStock_1206103_thumb1.jpg?imgmax=800>

“E quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele” (BIBLIA *on line*, 1.SAMUEL 16-23, 2013)

Ao procurar identificar o papel do enfermeiro quanto aos cuidados paliativos, as autoras depararam com as considerações de Torchi e Barbosa (2006) sobre os efeitos reconhecidos e comprovados da música junto aos pacientes terminais, reduzindo drasticamente as queixas físicas, emocionais, cognitivas e sociais.

A palavra música, traduzida como “a arte das musas” foi definida como a arte de organizar sensível e logicamente uma combinação coerente de sons e silêncios.⁹

Como parte da história das sociedades, assim como os Cuidados Paliativos, a música é uma das expressões do ser humano, desde os povos primitivos que utilizavam os ruídos guturais até a presente diversidade musical através da emissão de sons, composição, tocar um instrumento, cantarolar uma canção, incluindo os vários tipos e ritmos de música, A música existe mesmo sem a configuração terapêutica que possui. (YÂNES, não datado)

Segundo a autora, os efeitos da música, ao explorar canais de expressão de pacientes que necessitam de atendimento terapêutico, obedecem primeiramente à influência sobre o homem, dos sons, origem da música e cujo valor curativo, prejudicial ou negativo, será evidente à medida que o trabalho for desenvolvido.

A música como possibilidade de tratamento foi apontada por Florence Nightingale (1820-1910), enfermeira britânica responsável pelas diretrizes da organização da enfermagem moderna, que descreveu os resultados benéficos alcançados, demonstrando rara percepção intuitiva das possibilidades terapêuticas da música. (LEÃO et al, 2011).

As enfermeiras e autoras transcorrem outras passagens:

[...] Decorridas oito décadas, a Associação Nacional de Música nos Hospitais foi fundada em 1926 pela musicista e enfermeira Isa Maud Ilson, pioneira no ensino de musicoterapia na Universidade de Columbia. Em 1941, Harryet Ayer Seymour, também enfermeira, criou a Fundação Nacional de Terapêutica Musical, a fim de expandir os estudos nessa área, desenvolveu o “Método Seymour”, formou musicistas para tocar a beira do leito de pessoas hospitalizadas e fez vários concertos para milhares de doentes nos Estados Unidos. No entanto, apenas no final do século é que a prática do uso terapêutico

⁹ Do grego, *mousikē*. Informações disponíveis em: <<http://www.conceito.de/musica>>

da música se tornou mais difundida e diferenciada. (LEÃO et al, 2011.p.4)

No Brasil, há algumas publicações sobre o emprego da música pela enfermagem na última década que despontam um interesse cada vez maior por essa prática como recurso terapêutico.

A experiência de sensibilização com um grupo de enfermeiros, dentro de uma disciplina de Pós-graduação na Escola de Enfermagem Anna Néry, Rio de Janeiro, possibilitou observações pertinentes ao tema deste estudo. Entre outros aspectos abordados, a constatação de que a ludicidade promovida pela música pode ser um recurso importante não somente para o cuidado com o outro, mas para o autocuidado, ao promover relaxamento, bem-estar e prazer de estar consigo mesmo e com o outro. (BERGOLD; ALVIM; CABRAL, 2005).

Destaca-se a importância da música como instrumento terapêutico na visão de Gonçalves, Nogueira e Puggina (2008), que evidenciaram os efeitos provocados no organismo do ser humano, tais como alterações nas frequências cardíaca e respiratória, alteração na pressão arterial, relaxamento muscular, aceleração do metabolismo, redução de estímulos sensoriais como a dor e outros.

As autoras asseveram que a música pode ser considerada como uma abordagem não farmacológica efetiva no controle da dor. Muitas pessoas alegaram alívio da dor crônica através da utilização da música, algumas com histórico de dez até vinte anos de episódios álgicos.

Segundo Leão et al (2011), a inserção pela Enfermagem da utilização da música como intervenção presume o raciocínio necessário a uma adequada prescrição, concebendo o ser humano de forma dinâmica, contínua e criativo.

Aquele ser humano, segundo Saunders, por quem havia sempre muito que se fazer.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Wittmann-Vieira e Goldim (2010), quanto à percepção da humanização em cuidados paliativos, destacam-se significativamente os seguintes princípios: saber quando a morte está chegando, manter o controle sobre o que ocorre,

preservar a dignidade e a privacidade, aliviar a dor e demais sintomas, escolher o local da morte, ter suporte espiritual e emocional, controlar quem está presente, ter tempo para dizer adeus e partir quando for o momento.

Conforme a OMS (2002), um modelo de intervenção em Cuidados Paliativos é fundamental, em que as ações paliativas começam no diagnóstico e o cuidado paliativo se amplia aliada as terapêuticas apropriadas a mudar o curso da doença.

A intervenção paliativa representa expressão e valor para o paciente à medida que a terapêutica modificadora da doença perde a efetividade.

Na terminalidade humana, os Cuidados Paliativos são imprescindíveis e persistem até o período do luto, de forma diferenciada.

Segundo a ANCP (2009), as ações incluem medidas terapêuticas para o controle dos sintomas físicos, intervenções psicoterapêuticas e apoio espiritual ao paciente do diagnóstico ao óbito. Referente às ações direcionadas aos familiares, estendem-se o apoio social e espiritual bem como as intervenções psicoterapêuticas do diagnóstico ao luto.

Além disso, a música humaniza a assistência de enfermagem, promovendo o resgate do equilíbrio e não só o tratamento do sintoma ou da doença; proporciona bem-estar; leva a mudanças de comportamento; estimula o potencial criativo; abre canais de comunicação para posterior efeito terapêutico e acelera a recuperação da pessoa acometida por alguma enfermidade (SOUZA et. al, 2006).

Observou-se, enfim, que desde os primórdios da história da Enfermagem, a música desponta como recurso terapêutico para melhorar as condições gerais do paciente.

Atualmente, medraram-se não somente o perfil do participante desta terapêutica, mas também os recursos musicais utilizados pelos enfermeiros nas pesquisas, embora ainda falte a sedimentação da utilização da música na prática da enfermagem (BERGOLD; ALVIM, 2008).

Não obstante as lacunas encontradas, o enfermeiro poderá empregar a música no tratamento de pacientes em diferentes momentos e com vários propósitos, por exemplo, para relaxar, resgatar lembranças de acontecimentos passados, confraternizações.

Compete ao enfermeiro, devido à proximidade e acompanhamento da evolução do paciente, aliados ao conhecimento pessoal, constatar em que momento

a música poderá ser utilizada e avaliar os efeitos sobre o paciente (GONÇALVES; NOGUEIRA; PUGGINA, 2008).

5 CONCLUSÕES

Este estudo discorreu de forma sucinta a respeito da morte, condição inerente aos cuidados paliativos.

O levantamento de dados sobre o efeito ocasionado pela música nos pacientes submetidos aos cuidados paliativos, cerne da pesquisa, oportunizou a constatação que a música tem um poder extraordinário no campo cognitivo, físico, mental, espiritual e social.

Intrínseca à história da humanidade, a música aplicada como intervenção terapêutica possui a capacidade de atuar igualmente em sua fisiologia.

Tornou-se possível apreender que a contribuição da música como recurso terapêutico tem valor ainda pouco explorado, embora traga tranquilidade e bem estar tanto dos pacientes em cuidados paliativos quanto dos familiares.

Quanto á participação do enfermeiro na inserção da música como processo terapêutico, destaca-se o compromisso basilar deste profissional quanto ao cuidado e a necessidade de maior envolvimento na prática da enfermagem voltada aos Cuidados Paliativos.

Assim, propõe-se provocar a reflexão analítico-crítica dos profissionais da saúde, notadamente o enfermeiro, ao demonstrar a relevância de alternativas no cenário dos cuidados paliativos.

A música é um recurso terapêutico indiscutível que carece de mais discussões, além de apreensão e avaliações, para que possa ser incorporado definitivamente à assistência de Enfermagem.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. ANCP. **Manual de cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009. 320p.

BERGOLD, L. B; ALVIM, N. A. T. **Música e enfermagem**: uma integração possível no cuidado hospitalar. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de enfermagem Ana Nery, Rio de Janeiro, 2005.

BÍBLIA. **Bíblia on line**. Disponível em:< <http://www.bibliaonline.com.br>>
Acesso: 22 Nov.2013.

CARVALHO, A. A. A. **Música como elemento do cuidar/cuidado de enfermagem**: um estudo sobre o paciente hospitalizado e sua interação com a música. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem Ana Nery, Rio de Janeiro, 2010.

CREMESP. **Cuidado paliativo**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2008. 689p.

FLORIANI, Ciro Augusto; SCHRAMM, Fermin Roland. Cuidados paliativos: interfaces, conflitos e necessidades. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 13, supl. 2. Rio de Janeiro , 2008 . 11p. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232008000900017&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 20 Nov,2013.

GONÇALVES, L. M. Com palavras não sei dizer: a musicoterapia em cuidados paliativos. **Monografia** (Graduação em Musicoterapia) - Conservatório Brasileiro de Música . Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:
<http://www.bapera.com.br/revista/musicoterapia/monog_lizandra.pdf>
Acesso: 16 Ago. 2013.

PESSINI, L. A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. In: L. Pessini & L. Bertachini (Orgs.). **Humanização e cuidados paliativos**. São Paulo: Loyola. 2004. 319P.

LEÃO, Eliseth Ribeiro et al. Música e Enfermagem: um recurso integrativo. In: Léia Fortes Salles e Maria Júlia Paes da Silva (Orgs.). **Enfermagem e as práticas complementares em Saúde**. 2011. p.1-10

ROSA, C. Solução para a desigualdade. In: SILVA, F. (Org.). Como estabelecer os parâmetros da globalização. 2. ed. São Paulo: Macuco, 1999.

SANTANA, J. C. B. et al. Cuidados paliativos aos pacientes terminais: percepção da equipe de enfermagem. **Centro Universitário São Camilo**, v. 3, n. 1, p. 77-86, 2009.

SILVA, R. S; AMARAL, J. B; MALAGUTTI, W.. **Enfermagem em cuidados paliativos**: cuidando para uma boa morte. São Paulo: Martinari, 2013. 427 p.

SEKI, N.H.; GALHEIGO, S.M. O uso da música nos cuidados paliativos:: humanizando o cuidado e facilitando o adeus*. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 14, n. 33, p.273-284, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a04v14n33.pdf>>. Acesso em: 03 Nov. 2013.

SOUSA, D.M. et al. A Vivência da Enfermeira no Processo de Morte e Morrer dos Pacientes Oncológicos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, p.41-47, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 Out. 2013

TORCHI, T. S; BARBOSA, M. A. M. A música como recurso no cuidar em enfermagem. **Rev. Científica da America latina**, v. 1, n.3, p. 125-138, 2006.

YAÑES, Suely Carvalho de Sá. **A música como um recurso no atendimento de reabilitação**. Disponível em: <<http://www.crfaster.com.br/cc27.pdf>> Acesso: 01 Dez.2013.

WITTMANN-VIEIRA, R.; GOLDIM, J. R. Bioética e cuidados paliativos: tomada de decisões e qualidade de vida. **Rev. Acta Paul. Enferm**, v. 25, n. 3, 2010.